

# HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL E A FORMAÇÃO DO ARQUITETO

SZÜCS, Carolina Palermo

Arquiteta e Urbanista, Doutora pela Universidade de Metz/França  
Grupo de Estudos da Habitação da Universidade Federal de Santa Catarina [[carolps@arq.ufsc.br](mailto:carolps@arq.ufsc.br)]

## Resumo

*Os avanços tecnológicos trouxeram para a sociedade a capacidade de produzir mais e melhor. A modernidade trouxe, entretanto a perda da humanidade no tratamento de muitas questões, dentre elas, a qualidade do habitat social. No Brasil, nos últimos 40 anos, a produção habitacional levada pelo poder público, tem sido tratada por seu viés financeiro e está orientada mais no sentido de obter dividendos políticos do que efetivamente atender um déficit que só cresce, ultrapassando hoje a marca de seis milhões de unidades. Enfrentar este problema social de maneira competente significa tratá-lo como questão técnica que é e requer levar em conta acima de tudo fatores humanos e para isto, o profissional de projeto precisa estar preparado. O presente artigo apresenta a prática de ensino levada no curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, tratando especificamente a habitação social. Tal prática ocorre na quinta fase do curso de graduação, configurando-se numa experiência única onde o aluno é levado a intervir conjuntamente no nível da arquitetura e do urbanismo, tendo como foco questões humanas reais como a satisfação do usuário, suas necessidades presentes e futuras e a dinâmica familiar.*

## Abstract

*Technology progress brought to society the ability to product more and better. Meanwhile, it brought also the lack of humanity in many questions being the quality of social housing one of them. In the last 40 years, habitation production is controlled by government in Brazil and has been treated by its financial point of view and it's more oriented in the sense of obtaining political incomes than to attend a growing deficit, which goes beyond six million units today. To face this social problem in a competent way means treat it like a technical issue that it is and to take human factors into consideration above all. For that, the project professional needs to be prepared. This present article presents education practice in Architecture and Urbanism Course at Universidade Federal de Santa Catarina, focusing in social housing. That unique experience occurs in the fifth semester of the graduation course, where the students have to intervene both in an architectural and urbanistic levels, focusing in real human issues like user's satisfaction, their present and future necessities and their families dynamism.*

## Histórico

O curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina/Brasil foi criado em 1977 e, pouco tempo depois já apresentava um currículo que revelava a necessidade de revisão. Era prioridade iniciar as discussões em busca de novos rumos para um curso que envolvia um corpo docente jovem a procura de transformações constantes que pudessem propiciar o crescimento de todos. Nosso objetivo era a apropriação do conhecimento científico que nos permitisse compreender a técnica e a arte.

O processo de avaliação curricular iniciou e teve no bojo de seu desenvolvimento, a preocupação com a centralidade do ateliê e com a competente formação profissional de nossos jovens alunos que, a cada dia buscavam novas possibilidades na profissão. A discussão teve seu ritmo e sua dinâmica própria, num processo longo e difícil. Afinal, nossa experiência era a nossa própria formação.

Concluído o processo de avaliação, iniciou-se a etapa de implantação dos novos conteúdos, não menos difícil que a anterior. Entre as novas disciplinas que passaram a compor a grade curricular, estava a disciplina Planejamento Arquitetônico IV, ou simplesmente P4. Localizada na quarta fase, a disciplina teve sua proposta inicial aplicada no começo dos anos oitenta. A ementa era ampla demais e confusa, o plano de ensino, reproduzido ainda em mimeógrafo, não detalhava a metodologia utilizada, tampouco os conteúdos programáticos. Apenas os objetivos e as etapas do cronograma comparciam de forma mais clara, valendo a pena resgatar aqui um pequeno trecho:

“Trabalho grupal: Definição de um programa de intervenção na área estudada e de suas respectivas estratégias e justificativas; Trabalho Individual: Definição de um programa para uma unidade habitacional (padronizada, individualizada, industrializada ou não) a ser construída na área estudada, com uma pré-definição da técnica e do sistema construtivo a empregar, bem como dos materiais, com as justificativas correspondentes...”.

Os conteúdos primavam pela técnica e havia uma maior exigência quanto ao estudo volumétrico, ou seja, a perspectiva e a maquete eram mais exercitadas em relação a outros meios de expressão.

Em 1984, o plano de ensino já apresenta detalhamento significativo. Definia dois exercícios complementares, quais sejam:

“1. Exercício de Análise Habitacional: contato com a realidade – exercício de análise crítica realizado em conjunto habitacional existente, onde o aluno tem contato com o nível urbano e público das relações sociais bem como com o nível familiar e privado das relações pessoais, como referencial para o projeto.

2. Proposta de Conjunto Habitacional: exercício propositivo onde o aluno desenvolve uma alternativa projetual para conjunto habitacional, tendo em vista o sítio e o perfil de usuário, identificados no exercício anterior”.

O aprimoramento do método de trabalho de campo, que estruturava o primeiro exercício do semestre, proporcionou, cada vez mais, subsídios para o desenvolvimento da segunda etapa. Consideramos de extrema importância para o crescimento e consolidação dos conteúdos e resultados alcançados na disciplina, ao longo do tempo, o refinamento que o trabalho de campo conseguiu para melhor compreensão da complexidade do tema, Habitação de Interesse Social. Entrar em contato com a realidade trouxe para o aluno um ganho incomensurável e tem contribuído efetivamente para a formação de um arquiteto cidadão.

Desde 2003, a disciplina inclui um exercício relâmpago de composição espacial, permitindo ao aluno o experimento da resposta rápida de projeto, bem como uma visão funcional do espaço doméstico. Exemplos de trabalhos desenvolvidos na disciplina serão apresentados na seqüência deste artigo.

## **A Prática Disciplinar e o Aprofundamento do Tema**

O tema HIS não é novo, porém, é sempre atual. Mas não é difícil verificar a ausência do mesmo como conteúdo obrigatório de muitas escolas de arquitetura brasileiras. Justo num país onde a demanda por habitações é crescente e a falta de políticas sérias para o setor é evidente e lamentável, percebemos a distância entre a formação acadêmica e a dura realidade.

No processo de evolução da disciplina, contamos também com bibliografia cada vez mais especializada que contribui para o aluno mudar o olhar e aprimorar a crítica. O aporte teórico é indispensável e, felizmente, existe hoje uma produção bibliográfica nacional e internacional significativa.

Com a criação, em 1993, do Grupo de Estudos da Habitação – GHab, implementado a partir da ambiência de pesquisa pré-existente e congregando os professores responsáveis pelas disciplinas, dentre outros pesquisadores, passamos a perceber mais claramente o envolvimento dos alunos com o tema e aí sentimos a necessidade de complementar os conteúdos da disciplina, para aprofundar o assunto enfocando uma discussão contemporânea sobre a habitação social, calcada na realidade brasileira e em novos conteúdos sobre temas desenvolvidos por pesquisadores no Brasil e no exterior.

No processo de crescimento do curso, e por determinação do MEC, se fez necessária uma segunda revisão curricular, implantada em 1996. Desta vez a disciplina é identificada por Projeto Arquitetônico IV, ainda o P4, oferecida a partir daí na quinta fase do Curso, recebendo modificações importantes no conteúdo programático, para seu fortalecimento.

O interesse dos alunos continua crescente, fato expresso na busca de uma parcela de alunos a retomar o assunto em seu Trabalho de Conclusão de Curso, evidenciando no curso um significativo destaque para o tema, demonstrando a necessidade de um olhar mais responsável em relação à formação dos alunos, para aqueles que não acreditavam na importância desta questão.

Como estratégia complementar de fortalecimento dos conteúdos tratados na disciplina obrigatória, o Ghab criou disciplinas optativas que incluíam conteúdos especializados sobre a HIS. As optativas propostas foram:

- Oficina de Habitação que inclui o tratamento de temas complexos como a reinstalação de população invasora, a implantação em encosta ou ainda o resgate de princípios modernistas no projeto habitacional contemporâneo.
- Antropologia do Espaço que busca introduzir o aluno na aplicação de conceitos e métodos de pesquisa antropológica no trato das questões arquitetônicas.

## A Disciplina Hoje

Com o reforço de conteúdos advindos da pesquisa acadêmica e a evolução de métodos, procedimentos e práticas pedagógicas, hoje a disciplina trabalha com diversos temas, interagindo com outras áreas de conhecimento e colocando a qualidade de vida como o centro da questão, seja nas relações internas do edifício, seja na sua inserção urbana.

A disciplina aborda a habitação como setor urbano que desenha parte da cidade, uma estrutura na qual coexistem em diferentes graus espaços privados, semiprivados, públicos e semipúblicos, necessários à atividade de morar. A abordagem visa enfatizar a compreensão por parte do aluno das interações físicas existentes entre a cidade e o bairro, a casa e o lote e este com a rua, reforçando o desenvolvimento da vida urbana. São reforçados igualmente conteúdos que resgatam o caráter regional da habitação, contextualizando o tema em função das particularidades existentes na região tratada. Esta abordagem visa equacionar a problemática segundo uma demanda e um perfil de usuário específicos. Desta forma, aplicamos hoje a seguinte ementa ou enunciado:

“Estudo da habitação em série como elemento gerador do espaço urbano. Relações internas da edificação e desta com os espaços abertos de uso coletivo. Relações de vizinhança. Resolução físico-espacial da habitação tendo em vista as variáveis sócio-econômicas, físico-ambientais, técnicas e funcionais do edifício”.

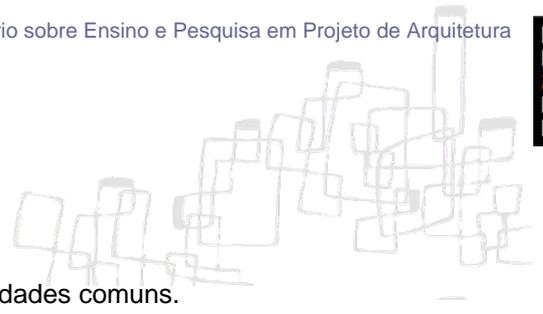
São objetivos da disciplina:

- Desenvolver a capacidade crítica do aluno quanto às questões sociais, culturais e tecnológicas que envolvem a atividade de morar.
- Estimular a discussão da Habitação de Interesse Social (HIS) e sua inserção no espaço urbano. Entender que a escolha da tipologia tem relação com as características do setor urbano escolhido (densidade, serviços urbanos, uso misto, etc).
- Compreender as possibilidades e limitações na adequação das necessidades espaciais de grupos familiares a projetos padronizados já executados em contexto específico.
- Desenvolver o repertório de soluções físicas alternativas para a habitação popular ou de interesse social, que apontem para uma revisão das tipologias e processos produtivos tradicionalmente adotados e que sejam compatíveis com o contexto a ser trabalhado.

São conteúdos tratados em sala de aula:

- Delimitação conceitual da habitação social e suas relações com a estrutura urbana;
- Habitação social, densidade e parcelamento do solo;
- Habitação popular e a questão do projeto;
- Habitação sustentável;
- Qualificação dos conjuntos como espaço de vida comunitária;
- Interações espaciais internas e externas da habitação;
- Aprofundamento do conceito de vizinhança como determinante da qualidade de vida;
- Revisão tipológica e crítica da padronização de projeto;
- Apropriação espacial e identidade;
- Flexibilidade espacial e construção evolutiva;
- Acessibilidade aplicada ao projeto;
- Propostas arquitetônico-urbanísticas alternativas de conjuntos habitacionais.

A metodologia aplicada na transmissão dos conhecimentos envolve as seguintes práticas pedagógicas:



- Aulas expositivas temáticas
- Aulas de campo para aprofundamento temático
- Aulas de laboratório (Oficinas) incluindo:
  - Assessoramentos temáticos em grupo, tratando de dificuldades comuns.
  - Assessoramentos individuais tratando de dificuldades específicas.
  - Painéis intermediários para acompanhamento global da turma, do desempenho dos alunos e para troca de informações.
  - Debates e mesas redondas temáticos.

## Estrutura Pedagógica da Transmissão dos Conhecimentos

O semestre é estruturado em 3 exercícios, a saber:

1º Exercício – Análise de Setor Urbano – Exercício onde o aluno, através da análise de setor urbano, apreende as nuances funcionais, sociais e ambientais da questão habitacional, identificando características e necessidades coletivas que poderão intervir no projeto. Ao final do trabalho a equipe deverá ter identificado os elementos de concepção que delimitarão o projeto, quanto à sua inserção e relação com o meio sócio-ambiental. Objetiva-se ainda caracterizar as implicações formais e não formais do projeto voltado para a habitação social.

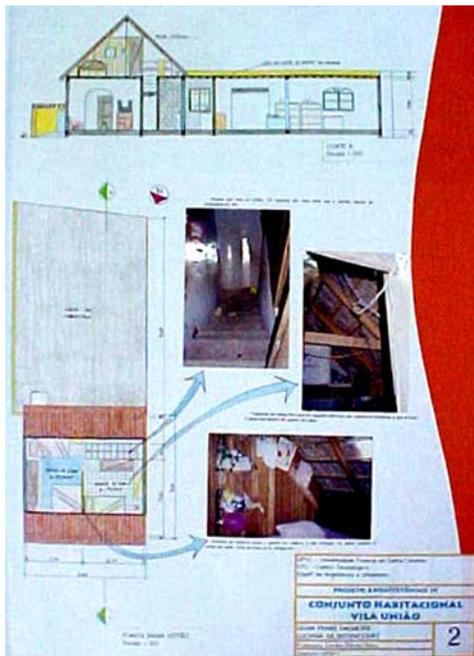


Ilustração 01: exemplo de exercício 1

Fonte: GHab

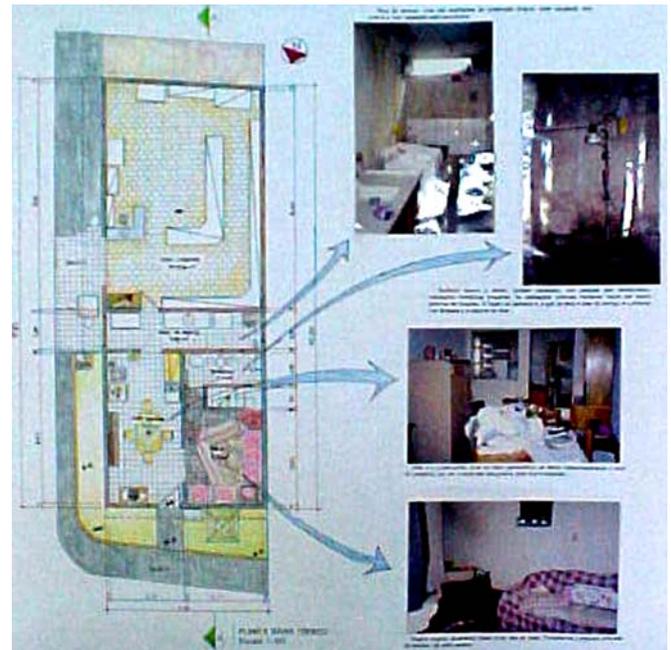


Ilustração 02: exemplo de exercício 1

Fonte: Ghab

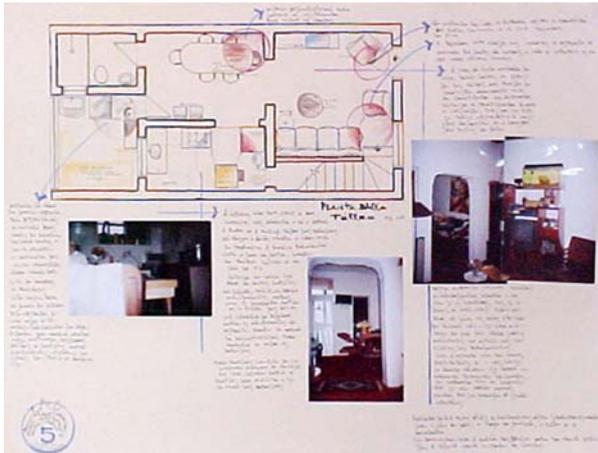


Ilustração 03: exemplo de exercício 1

Fonte: GHab

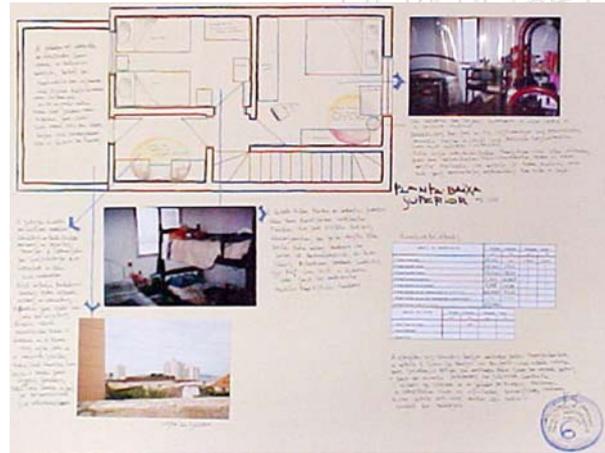


Ilustração 04: exemplo de exercício 1

Fonte: GHab

2º Exercício – Exercício Relâmpago – Composição Espacial – Exercício compositivo onde o aluno, através da utilização de blocos gráficos deverá propor 2 alternativas de layout, no mínimo, referentes a ambientes domésticos idealizados (excluindo cozinha, banheiro e área de serviço nos quais o aluno deverá propor, no mínimo, 1 alternativa de layout). O exercício objetiva o tratamento das questões dimensionais da habitação social sob o olhar utilitário dos espaços internos. Ao final do trabalho o aluno deverá ter identificado os requisitos mínimos dimensionais e espaciais da habitação social, no que se refere aos atributos internos da unidade, podendo assim desenvolver crítica mais consistente relativa à realidade do setor, tema do exercício subsequente. Devem ser verificados no trabalho os seguintes aspectos:

- Utilização de equipamentos padrão, fornecidos pela disciplina
- Capacidade física dos ambientes relativa à utilização dos equipamentos e à circulação
- Garantia de controle ambiental
- Crítica comparativa entre usuários sem necessidades especiais e Portadores de Necessidades Especiais (PPNE – NBR-9050 - “cadeirantes”)

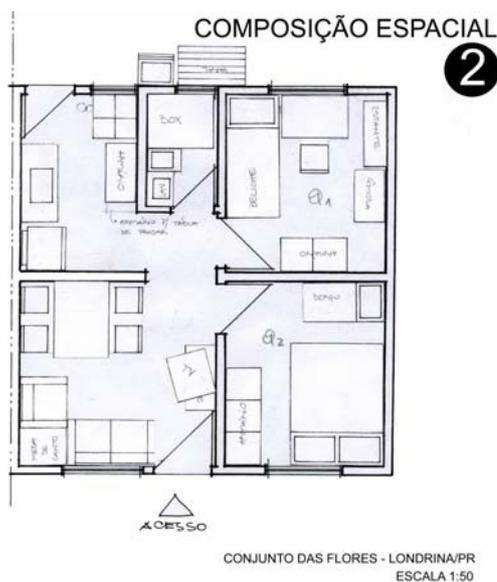


Ilustração 05: exemplo de exercício 2

Fonte: GHab



Ilustração 06: exemplo de exercício 2

Fonte: GHab



Ilustração 07: exemplo de exercício 2

Fonte: GHab



Ilustração 08: exemplo de exercício 2

Fonte: GHab

3º Exercício – Proposta de Zona Residencial – Exercício propositivo onde o aluno propõe, explicita e desenha uma parcela urbana para uso residencial. O trabalho trata de um conjunto de habitações e equipamentos complementares. As questões do desenho urbano, desenho da edificação e de seu entorno imediato, são propostas simultaneamente. A proposta versará sobre alternativa física que aponte para uma melhoria da prática atual de concepção da habitação popular. Pressupõe a possibilidade de inserção de uma atividade produtiva na habitação bem como a construção em etapas segundo usuário potencial.

Este último exercício fecha o semestre e deve permitir ao aluno a aplicação de todos os conhecimentos adquiridos até então. Como tal é mais longo e o acompanhamento do aluno, mais intenso. Como estratégia pedagógica, o exercício está dividido em duas etapas:

Etapa 1: Estudo Preliminar – Nesta etapa o aluno estabelece o perfil do usuário a ser atendido pelo projeto bem como os padrões conceituais de intervenção, com clara definição da estrutura proposta para o conjunto e das tipologias habitacionais a serem adotadas. A proposta deve contemplar os elementos básicos do projeto, quais sejam:

- Definição dos acessos (relação com o entorno) e da estrutura viária;
- Hierarquia dos percursos (pedestres e veículos);
- Zoneamento das funções;
- Proposta de parcelamento do solo;
- Proposta tipológica para as residências e
- Desenvolvimento dos programas complementares.

Etapa 2: Anteprojeto – O anteprojeto consiste na revisão, redefinição, desenvolvimento e tratamento das soluções adotadas. Deve apresentar as informações que caracterizam os vários elementos que compõem o espaço projetado, demonstrando o atendimento aos requisitos das atividades previstas e a viabilidade técnica do projeto. Esta etapa compreende os seguintes conteúdos:

- Redefinição dos objetivos da proposta (se for o caso)
- Resolução dos espaços abertos, com caracterização das atividades existentes e percursos
- Vinculações funcionais e simbólicas entre os diferentes espaços
- Soluções propostas para as unidades e edificações complementares

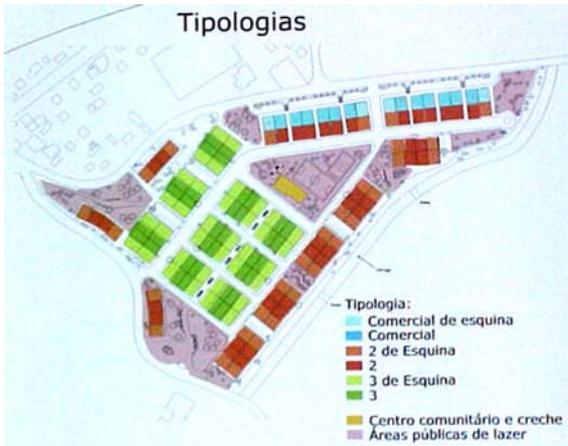


Ilustração 09: exemplo de exercício 3

Fonte: GHab



Ilustração 10: exemplo de exercício 3

Fonte: GHab

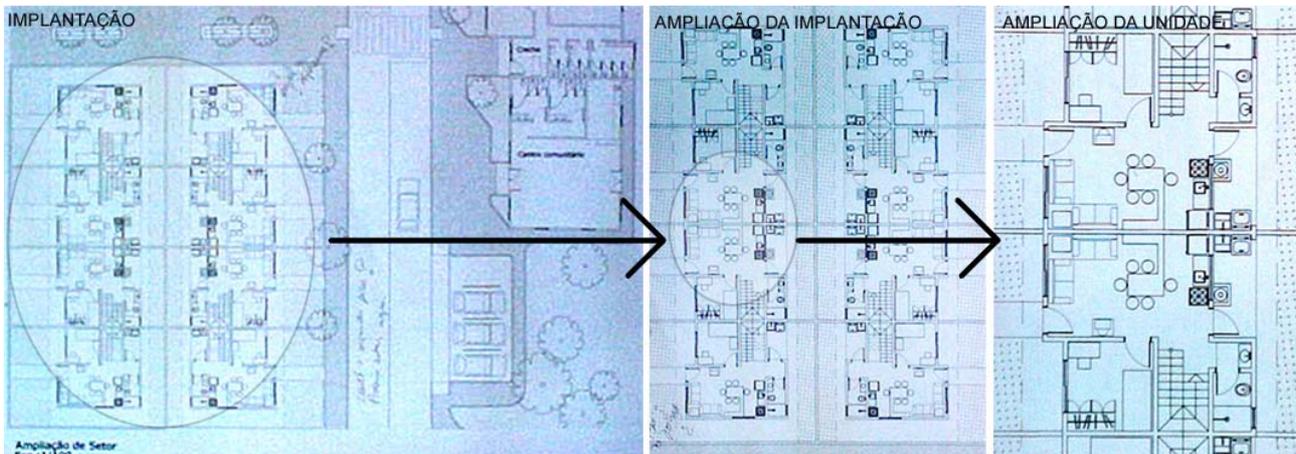


Ilustração 11: exemplo de exercício 3

Fonte: GHab

Visando o tratamento atualizado do tema e iniciando necessariamente pela compreensão da evolução do programa habitacional brasileiro, a disciplina recomenda a seguinte bibliografia de apoio:

ALEXANDER, C. (1980) A Pattern of Language (Lenguaje de Patrones) – Barcelona: GG.

BLAY, E.A. (1985) Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo – São Paulo: Nobel

BONDUKI, N.G. (1998) (org.) Origens da habitação social no Brasil – São Paulo: Estação Liberdade

CAMBI, E.; DI CRISTINA, B.; STEINER, G.B. (1985) Tipologias residenciales en hilera – Madrid: Xarait.

CAMBI, E.; DI CRISTINA, B.; STEINER, G.B. (1992) Viviendas Unifamiliares con Patio – México: GG.

DEL RIO, V. (1990) Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento – São Paulo: Pini

GRESTER LONDON COUNCIL (1985) Introducción al Diseño Urbano en Áreas Residenciales – Madrid: Hermann Blume.

IPT (s/d) Critérios Mínimos de Desempenho para Habitações Térreas de Interesse Social – São Paulo: ITP

LYNCH, K. (1997) A Imagem da Cidade – São Paulo: Martins Fontes.

MALARD, M.L. (1992) Brazilian low-cost housing: interactions and conflicts between residents and dwellings. University of Sheffield. Ph.D., Thesis – Sheffield

- MASCARÓ, J.L. (1989) Desenho Urbano e Custos de Urbanização – Porto Alegre: Sagra
- MASCARO, J.L. (1991) Infra-estrutura habitacional alternativa – Porto Alegre: Sagra
- MASCARÓ, J.L. (1994) Manual de Loteamentos e Urbanizações. – Porto Alegre: Sagra
- MOORE, G.T. (1984) Estudos de Comportamento Ambiental, in: Introdução à Arquitetura, Snyder & Catanese – Rio de Janeiro: Campus
- MORETTI, R.S. (1997) Normas Urbanísticas para Habitação de Interesse Social: recomendações para elaboração – São Paulo: IPT / FINEP
- OJEDA, O.F.R. et alli (1993) Viviendas Agrupadas, série Casa y Disegno nº 29 – Buenos Ayres: CP64.
- ORNSTEIN, S.W. et alli (1995) Ambiente Construído e Comportamento: a avaliação pós-ocupação e a qualidade ambiental, FAUUSP: FUPAM – São Paulo: Nobel
- PANERO & ZELMIK (1983) Las Dimensiones Humanas en los Espacios Interiores – Barcelona: GG.
- PERES, A. (2000) Tipologias habitacionais: reflexões metodológicas. Dissertação (Mestrado) EESC-USP. São Carlos.
- PETERS, P.; HENN, U. (1984) Vivendas unifamiliares isoladas – Barcelona: GG.
- RAPOPORT, A. (1978) Aspectos humanos de la forma urbana: hacia una confrontación de las ciencias sociales con el diseño de la forma urbana. Barcelona: GG.
- RIBEIRO, L.C.Q.; PECHMAN, R.M. (1983) O que é questão da moradia – São Paulo: Brasiliense
- RODRIGUES, A.M. (1989) Moradia nas cidades brasileiras – São Paulo: Contexto
- RODRIGUES, F.M. (1986) Desenho Urbano: Cabeça, Campo e Prancheta – São Paulo: Projeto
- SAMPAIO, M.R., LEMOS, C.A.C. (1993) Casas proletárias em São Paulo – São Paulo: FAUUSP
- SANTOS, C.N.F. (1985) Quando a Rua Vira Casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro – São Paulo: Projeto
- SANTOS, C.N.F. (1988) A Cidade como um Jogo de Cartas – São Paulo: Projeto
- SEHAB / PE (1981) Manual do Projeto da Habitação Popular: parâmetros para elaboração e avaliação – Recife: Governo do Estado
- SOUZA, M.E.F. (1999) Apropriação dos Espaços da Casa: uma maneira de marcar o território individual (Dissertação), PPGAS / UFSC – Florianópolis
- SZÜCS, C.P. (1997) Apropriação e Modificação dos Espaços da Casa: inventário de soluções populares. Relatório de Pesquisa (FUNPESQUISA / UFSC) – Florianópolis
- SZÜCS, C.P. (1998) Flexibilidade Aplicada ao Projeto da Habitação Social. ENTAC'98, NPC/UFSC, Anais – Florianópolis e URVI 98, Anais – Barquisimeto
- SZÜCS, C.P. (1999) (coord.) Recomendações e Alternativas para Novos Projetos de Habitação Popular a partir das Interações entre Usuário e Moradia. Relatório de Pesquisa, FINEP / BID, UFSC – Florianópolis
- STEVENS, G. (1990) The Reasoning Architect – New York: McGraw-Hill.
- TISSIANI, G.; SZÜCS, C.P. (1999). Habitação Social: revisão tipológica com critérios ergonômicos. ABERGO'99, Anais em CD – Salvador
- VALLADARES, L.P. (1980) (org.) Habitação em questão – Rio de Janeiro: Zahar

## Considerações Finais

Atualmente a disciplina segue o seu curso e continua sendo o único momento em que o aluno estuda este tema com maior profundidade, com rebatimento na realidade e possibilitando um retorno para as populações estudadas que se transformam, neste caso, em parceiras na formação do profissional arquiteto no âmbito da habitação social. A troca entre o aluno que quer compreender o espaço e o morador, agente desse espaço, tem enriquecido tanto a formação acadêmica dos futuros profissionais arquitetos quanto a vida daquelas pessoas que passam a ter uma visão crítica sobre suas próprias condições de moradia e sobre como melhorá-las.

Após os anos de experimentação de conteúdos, as propostas pedagógicas colocada em prática atualmente se mostram as melhores, resultando em trabalhos comprometidos com a realidade das populações atendidas por programas de provimento habitacional brasileiros, permitindo a discussão de saídas para o setor, que revisem a forma de atuação do poder público, através de alternativas inovadoras.

Desta forma, a academia faz seu “dever de casa”, formando profissionais com capacidade crítica e potencial de projeto dirigido ao setor, nos permitindo supor que, um dia, esses profissionais comporão equipes de projeto de administrações municipais da região, qualificando as ações e a vida das populações envolvidas.

Existe, entretanto, uma questão ainda pendente e que deveria refletir uma discussão nacional. Trata-se do uso do microcomputador como ferramenta de projeto: quando e como introduzi-lo no currículo e nas práticas de ensino desta matéria. O assunto muitas vezes tem sido encarado como tabu, notadamente pela geração de docentes formada muito antes da popularização desta tecnologia.

Existe uma clara distância entre a prática de projeto de professores e alunos de arquitetura no Brasil de hoje. Enquanto os primeiros utilizam instrumentos e linhas de raciocínio associadas ao uso da mão, aplicando um ritmo de trabalho que, se é dito mais lento, reflete diretamente a capacidade projetual do indivíduo, sem intermediários, os outros aplicam o ritmo do computador que, se agiliza a etapa de configuração gráfica, reduz grandemente a capacidade projetual do indivíduo, passando muitas vezes apenas a refletir as bibliotecas pré-existentes ou a área de visualização do desenho no monitor.

Mesmo tratando de objeto arquitetônico tão pequeno quanto uma edificação de 40 ou 50 m<sup>2</sup>, o aluno isola o edifício de seu entorno imediato, tratando os diferentes níveis de projeto separadamente, muitas vezes chegando a finalizar um ou outro, sem qualquer cruzamento intermediário das soluções, o que pode trazer muito prejuízo para a resolução final. O problema é ainda mais evidente na sensível queda da capacidade de visualização espacial do aluno, que não consegue fixar relações geométricas simples como as dimensões padrão de equipamentos domésticos ou ainda relações urbanísticas elementares, por razão da dependência exacerbada em relação à máquina. Como o docente deve encaminhar esta questão? Como auxiliar o aluno a corrigir os desvios entre sua capacidade projetual e os limites que certamente a máquina impõe? Como lançar mão dos benefícios que o microcomputador traz para o processo, sem prejudicar o domínio do espaço, matéria prima do arquiteto. Até o momento ainda não temos certeza de nenhuma das prováveis respostas.

As preocupações acima, provavelmente refletem um questionamento latente, presente em muitos docentes de disciplinas de projeto e este evento pode auxiliar grandemente na busca de soluções.